

## AS REPRESENTAÇÕES RUPESTRES DO ESTADO DE SANTA CATARINA, BRASIL

Fabiana Comerlato\*

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo consiste em analisar as experiências anteriores e avaliar as pesquisas recentes que têm como objeto de estudo as gravuras rupestres no estado de Santa Catarina. O texto foi dividido em duas partes; correspondendo as duas tradições arqueológicas reconhecidas: a Tradição Litorânea Catarinense e a Tradição Geométrica, classificação atribuída às representações rupestres existentes no litoral central do estado e na região dos Campos de Lages, respectivamente (vide fig. 1).



Fig. 1. Áreas com gravuras rupestres do Estado de Santa Catarina. Desenho: Carlos Costa.

Cabe ressaltar que existem outros locais com gravuras rupestres, como o sítio registrado por Rohr em Caxambu do Sul<sup>1</sup> e o sítio Caverna do Alemão em Porto União (Langer & Santos, 2003). Estes novos sítios evidenciam que ainda existem áreas que possuem alto potencial arqueológico para o estudo de gravuras rupestres, que no futuro poderão ampliar o quadro atual de regiões com estes registros em Santa Catarina.

Atualmente, além dos aspectos da conservação deste patrimônio, torna-se necessário refletirmos como as representações rupestres em Santa Catarina estão sendo estudadas, como estão servindo de identidade visual para entidades locais e como estão sendo apropriadas pelos discursos externos à academia.

### 1. AS GRAVURAS DO LITORAL CATARINENSE

A maioria dos sítios do litoral central catarinense está em ilhas, na costa rochosa (costões) que serve de suporte as gravuras, isoladas ou agrupadas em conjuntos gráficos, painéis e dispositivos

\* Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração Arqueologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

<sup>1</sup> A ficha de registro do sítio Caxambu 4 está nos arquivos da 11ª Superintendência Regional do IPHAN, Santa Catarina.

parietais. Os sítios estão em diques de diabásio, geralmente em falésia composta, plataforma de abrasão, fenda ou pontal rochoso. A única exceção é o sítio mais setentrional, na Ilha de Porto Belo. A temática é geométrica, além de representações humanas esquemáticas. A técnica de confecção predominante é o polimento. A importância deste conjunto de sítios soma-se a sua excepcionalidade - são os únicos sítios de representação rupestre até agora identificados em toda a costa brasileira.

As gravuras rupestres litorâneas são conhecidas desde o século XIX, porém, os primeiros estudos ocorreram somente no século XX, com as pesquisas de João Alfredo Rohr. Na década de 1940, Pe. Rohr, que nesta época não tinha voltado sua vida a arqueologia, retirou no ano de 1946, da Praia do Santinho, um bloco de diabásio com gravura de representação humana, que gerou grande revolta na comunidade local e, posteriormente, opiniões divergentes entre os arqueólogos. No acervo do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr” encontram-se duas gravuras, uma retirada da Ponta das Campanhas da Armação do Pântano do Sul e outra da Ilha dos Corais.

A primeira referência em trabalho científico sobre as gravuras foi de Rohr, neste momento já ingresso na problemática arqueológica (1950a, 1950b). Em sua obra, intitulada “Contribuição para a Etnologia Indígena do Estado de Santa Catarina”, Rohr nos relata suas primeiras pesquisas arqueológicas tendo um pequeno capítulo dedicado as “inscrições rupestres”. O autor apresenta algumas tentativas em decifrar o significado das mesmas, porém, ressalta que “(...) o certo é que as inscrições, até hoje, se conservam indecifráveis, cerradas ante a curiosidade do homem.”(1950b:12). Na referida obra, os sítios mencionados foram: Ilha de Porto Belo, Santinho I, Armação do Sul (sítio extinto) e Ilha dos Corais. Rohr já apontava algumas semelhanças entre os tipos da Praia dos Ingleses (trata-se do sítio Santinho I) e dos existentes nas Ilhas dos Corais e Porto Belo.

Em 1959, Rohr publica “Pesquisas Paleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina” com um pequeno trecho sobre as gravuras, onde comenta sobre a retirada das referidas gravuras da Praia do Santinho e Armação do Sul. Também cita a existência de numerosas gravuras nas ilhas Moleques do Sul e Campeche. Somente em 1969 sai a primeira publicação dedicada exclusivamente ao tema, intitulada “Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes”, em que Rohr apresenta o resultado das pesquisas sistemáticas, realizadas em 1968, nos seguintes locais: Ilha de Porto Belo, Praia do Santinho (figs. 2 e 3), Ilha do Arvoredo, Ilha do Campeche e Ilha dos Corais.

Rohr, nas obras citadas, admite a repetição de motivos em diferentes ilhas. Assim, concluiu serem as gravuras o “(...) produto de uma mesma cultura ou grupo cultural” (1969: 3). Em 1960, Osvaldo Menghin, acompanhado por Rohr, visitou alguns sítios da Ilha de Santa Catarina, dentre eles o primeiro sítio do Costão Norte da Praia do Santinho, atribuindo aos Guarani a autoria dessas gravuras (1962: 10).



Figuras 2 e 3. Dispositivo parietal do sítio Santinho I, praia do Santinho, Florianópolis - SC. Foto preto e branco: João Alfredo Rohr, 1968. Acervo: Museu do Homem do Sambaqui "Pe. João Alfredo Rohr S. J." Foto colorida: Fabiana Comerlato, 2004.

Após o reconhecimento das gravuras rupestres pela comunidade científica, nos anos 70, André Prous e Walter Piazza descreveram os sítios de representação rupestre com base nesta última publicação de Rohr. No trabalho de síntese “Documents pour la Prehistoire du Brésil Meridional”, os autores dividiram as gravuras em quatorze tipos característicos: dois antropomorfos e 12 geométricos. Nesta classificação, demonstram a dificuldade de se chegar a conclusões, já que consideraram cada ilha como um todo, não trabalhando com os painéis de forma isolada. Além disso, colocam o fato de não existirem trabalhos sobre a frequência destes tipos e suas associações nos painéis, e questionam a validade que estes estudos estatísticos poderiam ter, pela baixa quantidade de tipos representados (1977: 78-79).

Prous e Piazza buscaram uma resposta difusionista para a presença de onze tipos na ilha do Campeche; demonstrando que ilhas periféricas, como o caso da ilha de Porto Belo, apresentam uma tipologia mais pobre. Apesar das análises anteriores, o termo “tradição”, seguindo a classificação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), só foi utilizado para as gravuras do litoral catarinense posteriormente, sendo denominada de “Tradição Litorânea Catarinense” (Prous, 1992, 1994). A classificação de uma tradição de gravuras rupestres no litoral catarinense é bastante discutível; implica considerarmos a existência de determinadas ações e saberes que foram transmitidos ao longo das gerações por um grupo étnico e que os elementos e técnicas persistiram no tempo e espaço, porém ao mesmo passo foram sendo gradualmente modificados (Calderón, 1983: 13).

Em caráter de levantamento entre 1987 e 1989, o projeto “Povoamento Pré-Histórico da Ilha de Santa Catarina” buscou um novo cadastramento com informações atualizadas dos sítios arqueológicos correspondentes as ocupações pré-históricas, sendo registrados novos sítios de representação rupestre.

Além dos trabalhos citados, Pedro Augusto Mentz Ribeiro elaborou uma síntese da arte rupestre regional e Anamaria Beck das populações pré-históricas do Estado, ambos os autores fazem menção às gravuras do litoral catarinense (Ribeiro, 1978: 11-14; Beck, 1970: 150). Outros estudos, ainda não conseguiram muitos avanços na elucidação das relações entre gravuras e paisagem; entretanto, trouxeram novos registros de sítios. O primeiro trabalho de Rodrigo Aguiar, publicado posteriormente, busca um levantamento de todos os sítios entre a Ilha do Arvoredo e Ilha dos Corais, analisando a existência de diferenças estilísticas (1997, 2002). Entretanto, os trabalhos de Aguiar apesar de apresentarem bons resultados no registro das gravuras, retomam as explicações realizadas durante o PRONAPA; o autor leva em consideração as representações humanas para elaborar três fases cronológicas: sambaquiana, cerâmica e final (2001: 56).

Em estudos teóricos, Marco Aurélio Nadal De Masi discute as limitações dos modelos explanatórios oferecidos pelos recentes estudos em arte pré-histórica, quando aplicados à realidade catarinense. Ademais, faz uma crítica aos estudos realizados, restritos aos levantamentos fotográficos, estando ausente estudos etno-históricos (2002: 55). Em dissertação de mestrado sobre a Ilha do Campeche, Fabiana Ferret Soares buscou identificar uma fidelidade estrutural na reprodução das gravuras e o período de ocupação da ilha através das informações de oscilação do nível do mar para a costa catarinense (2002: 61-72, 2003).

Atualmente, existem registrados oficialmente 30 sítios arqueológicos no litoral central catarinense, entre Porto Belo e Garopaba, conforme podemos observar na tabela 1.

Tabela 1. Sítios de representação rupestre registrados do litoral central catarinense.

Nome do Sítio	Município	Autor do registro (cadastro do IPHAN)	Ano
Ilha João da Cunha	Porto Belo	João Alfredo Rohr	1968
Arvoredo I	Governador Celso Ramos	João Alfredo Rohr	1968
Arvoredo V	Governador Celso Ramos	Rodrigo Lavina	1987
Arvoredo VIII	Governador Celso Ramos	Fabiana Comerlato	2001
Ponta das Canas III	Florianópolis	Fabiana Comerlato	2003
Inglese IV	Florianópolis	Fabiana Comerlato	2003
Santinho III	Florianópolis	Rodrigo Lavina	1988
Santinho II	Florianópolis	Rodrigo Lavina	1988
Santinho I	Florianópolis	João Alfredo Rohr	1966
Morro das Aranhas II	Florianópolis	Rossano L. Bastos	1989
Ilha das Aranhas Pequena I	Florianópolis	Fabiana Comerlato	2004
Prainha da Barra	Florianópolis	Fabiana Comerlato	2003
Ponta do Caçador III	Florianópolis	Rossano L. Bastos	1988
Praia Mole I	Florianópolis	Rossano L. Bastos	1989
Ilha do Campeche	Ferro Elétrico	Florianópolis	Obs.: No IPHAN, todos os sítios de representação rupestre estão reunidos em um único registro.
	Pedra Preta do Norte	Florianópolis	
	Pedra Fincada	Florianópolis	
	Saco do Rosa	Florianópolis	
	Conforto	Florianópolis	
	Saco da Fonte	Florianópolis	
	Letreiro	Florianópolis	
	Triste	Florianópolis	
	Pedra Preta do Sul	Florianópolis	
	Lageado	Florianópolis	
Pântano do Sul IV	Florianópolis	Fabiana Comerlato	2003
Ilha do Papagaio II	Palhoça	Fabiana Comerlato	2003
Ponta das Andorinhas I	Palhoça	Fabiana Comerlato	2003
Guarda do Embaú II	Palhoça	Fabiana Comerlato	2003
Ilha dos Corais I	Palhoça	João Alfredo Rohr	1966
Ponta do Galeão	Garopaba	Fabiana Comerlato	2002

Recentemente, uma pesquisa de doutoramento, que contou com ampla coleta de dados em campo, estabeleceu diversos eixos de análise: da distribuição geográfica e caracterização dos suportes, das técnicas de confecção, da tipologia (categorias de representação), das formas de simetria, das técnicas gráficas e da organização espacial (níveis micro, semi-macro e macro). O objetivo desta pesquisa consistiu em verificar se as representações rupestres do litoral central de Santa Catarina possuem semelhanças significativas que possam nos levar a pensar em uma gramática plástica comum de populações pré-históricas que viveram neste recorte espacial (Comerlato, 2005: 3).

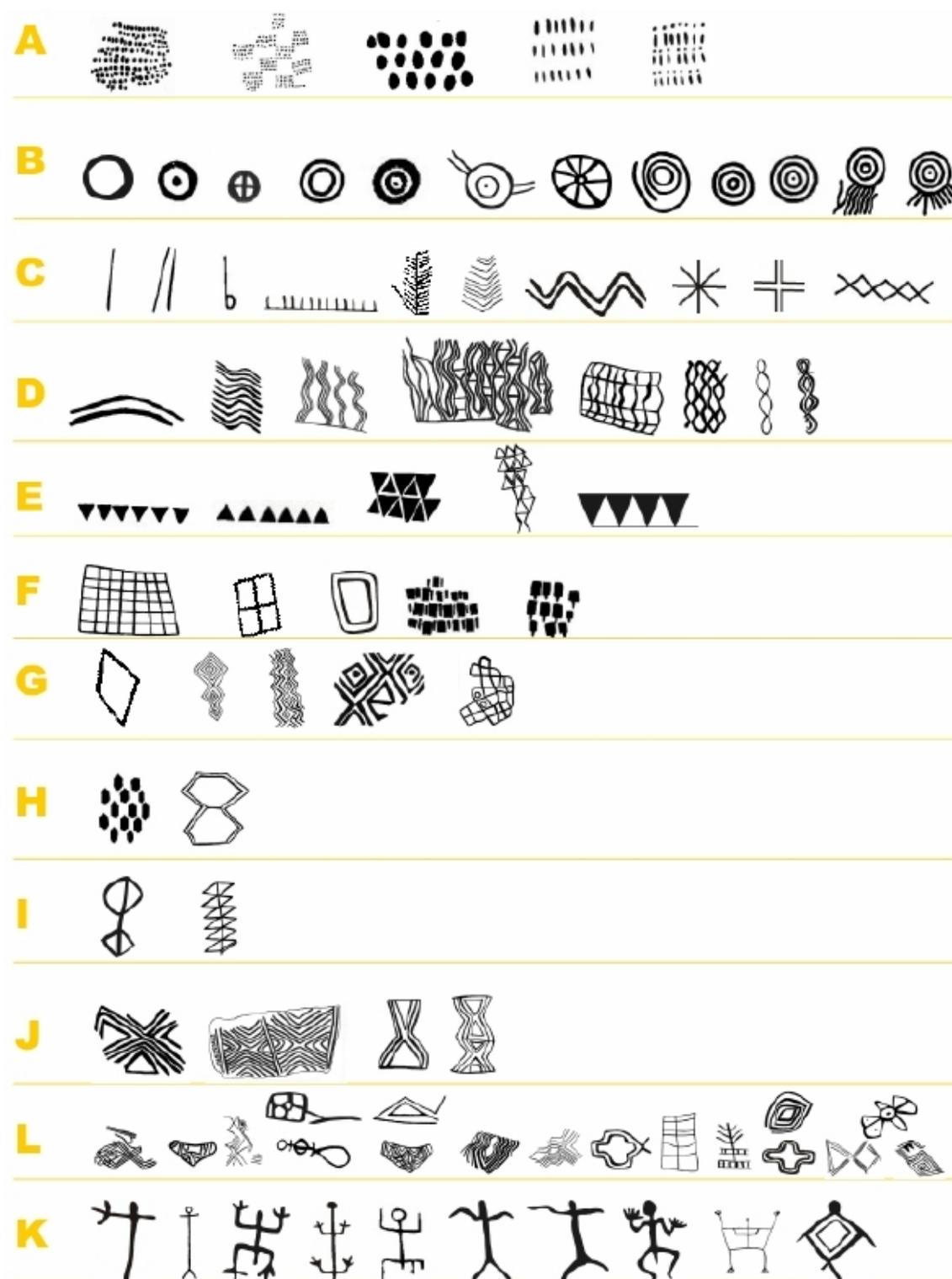


Fig. 4. Dispositivo parietal do sítio Triste, Ilha do Campeche, Florianópolis - SC. Foto: Fabiana Comerlato.

As análises empreendidas nos ofereceram um quadro geral dos sítios estudados:

- a utilização preferencial de falésias compostas e escarpadas;
- a existência de área de concentração e de sítios pequenos com maior espaçamento;
- o predomínio de gravuras sobre as paredes dos costões;
- o uso preferencial do polimento (existindo ainda outras técnicas: picoteamento, raspagem e incisões finas);
- a escolha dos diques como suportes;
- a representação de signos geométricos elementares e complexos;
- as representações humanas como representações figurativas;
- a maior ocorrência dos subtipos A1, B2, C7, D2, E2, F4, G5, K3, J1, J2 e J3;
- a utilização de diferentes formas de simetria como recurso visual;
- o aproveitamento do suporte conforme as características do costão rochoso;
- a variabilidade de tamanho em cada subtipo, quanto mais complexo maior a variação;
- a repetição como principal tipo de associação;
- o baixo número de superposições;
- a existência de áreas de maior e menor visibilidade e visualização (gravuras visíveis e dissimuladas);

- semelhanças na escolha dos locais utilizados como espaços gráficos e das áreas de ocupação pré-histórica em algumas ilhas analisadas (Comerlato, 2005: 132).



Quadro 1. Tipos de representações rupestres do litoral central catarinense, classificados em Comerlato, 2005: 65-72.

Os limites geográficos das representações, a utilização da simetria na construção de formas específicas e a utilização dos diques em falésias rochosas marcam a construção de um espaço

semântico de populações pré-históricas, circunscrito por uma faixa de maior ocorrência de ilhas costeiras, área que hoje corresponde ao litoral central catarinense. Desta maneira, podemos dizer que entre Porto Belo e Garopaba existiu um território rupestre. Isto significa que as representações rupestres operavam, de certa forma, como um código visual de um grupo cultural específico. Esta unidade estrutural entre os sítios estudados, mesmo sem podermos adentrar ao significado das representações rupestres, indica que estes espaços articulados eram para seus executores parte de seu território (Comerlato, 2005: 134).

Apesar das particularidades conferidas a cada sítio analisado, existe uma unidade geográfica, gráfica e tipológica que permite dizer que as representações rupestres estudadas fazem parte de um mesmo sistema de representação, em que seus executores imprimiram em cada local uma maneira particular de criar o seu espaço gráfico, sem perder a regularidade inerente a aplicação de um código visual comum às populações de pescadores pré-históricos que habitaram o litoral central catarinense (Comerlato, 2005: 135).

## 2. AS GRAVURAS RUPESTRES DO PLANALTO SERRANO CATARINENSE

As representações do planalto apresentam-se em grutas (arte parietal), em abrigos sob rocha e ao ar livre (arte rupestre). O suporte das gravuras é o arenito da Formação Botucatu – o contorno da escarpa basáltica da Serra Geral (fig. 5). As técnicas de execução são em sua maioria gravações por incisão com secção em “V”, ocorre também a preparação da área por picoteamento e o relevo parietal em “demi-relief”. Os sulcos têm no máximo quatro milímetros de profundidade; em alguns casos possuem vestígios de pigmentação de cor preta (Rohr, 1971a: 32). As técnicas gráficas são a figuração de frente (rosto humano), a segmentação (sexos femininos). As categorias de representação podem ser divididas em: humanas, traços indeterminados e figuras geométricas (figs. 6, 7, 8 e 9).

A primeira publicação sobre as “cavernas” do planalto foi do médico alemão Jorge Clarke Bleyer em 1913 no XVIII Congresso Internacional de Americanistas em Londres. Logo após, em 1918/19 publicou “Contribuição para o estudo do troglodyta das cavernas no planalto do Brasil”. Nesta mesma época, o Museu Nacional contrata o arqueólogo austríaco J. A. Padberg-Drenkpol, conhecido por escavar em Lagoa Santa em 1926 e 1929 (Prous, 1992: 9-10). Em 1931, chegou ao pesquisador uma carta do dentista florianopolitano José Baptista Roza indicando a existência de uma galeria subterrânea com inscrições rupestres (sítio Rio dos Bugres II, Rohr, 1971a), relatando os trabalhos de desobstrução da área com o objetivo de encontrar supostas minas de prata.

Após dois anos, Padberg-Drenkpol publica “Mysteriosas galerias subterraneas em Santa Catharina”, onde atribui a galeria uma idade recente (séc. XVIII) vendo com ceticismo os chamados “griphos”. O mais interessante é o confronto do conhecimento “empírico” de Roza e o “científico” do autor, pode-se perceber esta disparidade pela carta, resposta e réplica publicadas em forma de separata.



Fig. 5. Vista geral do sítio Morro do Avencal I, Urubici – SC. Foto: Fabiana Comerlato, 2002.



Figs. 6, 7 e 8. Tipos de representações rupestres do planalto, sítio Morro do Avencal I, Urubici – SC. Da esquerda para a direita: representação humana segmentada (face), painel de quadriláteros e triângulo(?). Fotos: Fabiana Comerlato, 2002.

O interesse pelo planalto catarinense ressurgiu na década de 60 com as pesquisas de Piazza (1966, 1967, 1969) e Rohr (1971a, 1971b) com enfoque histórico-cultural. Posteriormente, em 1977, Prous e Piazza elaboraram uma síntese da arqueologia do estado de Santa Catarina. Até o momento, foram catalogados os seguintes sítios com representações rupestres:

Tabela 2. Sítios de representação rupestre, registrados no planalto serrano catarinense.

Nome do Sítio	Município	Tipo
Morro do Avencal I	Urubici	Abrigo sob-rocha com gravuras
Morro do Avencal II	Urubici	Abrigo sob-rocha com gravuras
Rio dos Bugres II	Urubici	Galeria subterrânea com gravuras
Morro Pelado II	Urubici	Abrigo sob-rocha com gravuras
Casa de Pedra	Urubici	Gruta com gravura
Rio Horácio II	Petrolândia	Bloco com gravura

Quanto à autoria das gravuras rupestres, existem duas possibilidades: os caçadores-coletores ou os ceramistas do grupo lingüístico Gê. O sítio Casa de Pedra, prospectado por sondagem, tem sua ocupação datada em 1.040± 200 AD, podendo estar associada às gravuras da mesma gruta. Piazza identifica a gruta como parte da fase Urubici que indica uma ocupação pré-cerâmica com raspadores, batedores e mãos-de-pilão (1969:65).

Prous classifica esta arte como uma extensão da Tradição Geométrica, chamando a atenção para as diferenças quantitativas e qualitativas de um sítio de uma região a outra. Compara a predominância de supostas representações sexuais (vide fig. 8) nos sítios de Santa Catarina, Bolívia e parte do Mato Grosso (Prous, 1994: 83). Segundo o mesmo autor, em outra publicação, esta arte pertence à Tradição Geométrica meridional é atribuída a subtradição morro do Avencal (1992: 515). Este tipo de classificação, às vezes contraditória ou duvidosa, foi criticada por sua incomunicabilidade científica (Consens & Seda, 1990; Consens, 1996).

A partir de levantamentos iniciais, em que não foram copiados todos os painéis e ainda faltando vistoriar um número de gravuras conhecidas pela comunidade local, Prous e Piazza resolveram organizar os temas das gravuras rupestres em: temas geométricos, linhas curvas e temas naturalistas; criando uma grade temática preliminar. Os autores colocam que os temas naturalistas (faces humanas e quadrúpedes) seriam uma evolução dos temas geométricos, os mesmos não argumentam esta hipótese, porém, pode-se supor que tal explicação estaria pelo fato das faces serem esquemáticas. Acreditamos que falta muito ainda por pesquisar e estas conclusões necessitam ser avaliadas à luz de novos olhares.



Fig. 9. Painel do sítio Morro do Avencal I, a partir deste sítio definiu-se a subtradição morro do Avencal. Foto: Fernanda Comerlato, 1998.

### 3. O FUTURO DAS REPRESENTAÇÕES RUPESTRES EM SANTA CATARINA

O futuro das representações rupestres em Santa Catarina passa por questões mais amplas que atingem as políticas de proteção voltadas para o patrimônio arqueológico. Como vimos anteriormente, as gravuras rupestres estão estreitamente relacionadas com a utilização da paisagem pelas populações pretéritas. Além da conservação das gravuras, a preservação dos ecossistemas que integram este patrimônio também deve ser uma preocupação da arqueologia.

Podemos pensar em dois tipos de demandas para o futuro: as acadêmicas e as sociais. As demandas acadêmicas incluem o recadastramento dos sítios com representações rupestres, já que a maioria dos sítios foi registrada há algum tempo, sendo que não havia na época instrumentos de localização precisos como nos dias atuais. O novo registro destes sítios conhecidos precisa apurar com mais precisão e detalhamentos as informações relativas a cada gravura, painel e sítio arqueológico, já que atualmente somente dispomos de descrições sumárias. O reconhecimento de novos sítios a partir das informações orais e escritas também permitirá conhecermos melhor outras áreas com alto potencial arqueológico. No caso do planalto serrano, estas demandas são ainda mais necessárias, em comparação com a área litorânea, melhor conhecida e estudada.

A outra demanda acadêmica gira em torno da avaliação dos estudos já efetuados e a construção de novas problemáticas de pesquisa. As análises dos sistemas simbólicos e das relações espaciais dos sítios de arte rupestre são importantes instrumentos para construção de novas hipóteses de pesquisa. Atualmente, têm-se apontado novas perspectivas para o estudo das gravuras rupestres e de suas relações com o contexto arqueológico do litoral catarinense (Comerlato, 2005).

As atividades econômicas e educacionais estão voltadas para a apropriação destes sítios arqueológicos pela sociedade. As atividades econômicas são o turismo e a produção de artigos com inspiração neste patrimônio. As gravuras rupestres têm sido objeto temático para a produção artística e artesanal. Hoje já é possível encontrar desde camisetas e peças de artesanato até objetos de arte.

Expressão de uma nova visualidade é encontrada na obra do artista plástico João Otávio Neves Filho – o Janga. Nos anos 80, o artista representou as gravuras rupestres com diferentes técnicas: com incisões em uma pasta de areia e aglutinante e com pintura em lona e com veladuras na série Itacoatiara (Pisani, 1988: 6-14). Janga através de um tratamento contemporâneo dado à leitura das gravuras rupestres, renova a arte catarinense, sendo “Considerado pela crítica Adalice Araújo como o melhor intérprete da semiótica ilha.” (Pisani, 1988: 8) Janga dá a suas obras uma repercussão pública mais ampla com inspiração nas referidas gravuras através da montagem de cenários para espetáculos, no palco que se celebrou a missa do Papa João Paulo II, em painéis de edifícios residenciais e comerciais.

As gravuras rupestres também podem ser vistas como um atrativo turístico, movimentando um mercado ainda pequeno – o do turismo cultural, mais precisamente arqueológico. O interesse turístico tem crescido nos últimos anos tanto no litoral como na serra catarinense, existindo iniciativas de prefeituras e de particulares. O sítio Morro do Avencal II conta com sinalização no acesso ao sítio em placas de trânsito, além de placas informativas no sítio e de uma cerca protetora colocada pela Prefeitura Municipal de Urubici (vide fig. 5).

No litoral três investimentos privados foram feitos: o estabelecimento de uma trilha com mobiliário específico no sítio Morro das Aranhas pelo Costão do Santinho Resort; a trilha do índio do Empreendimento Ilha do Papagaio inclui a visita a uma gravura rupestre; e a trilha ecológica do Empreendimento da Ilha de Porto Belo conta, entre suas principais atrações, com as únicas gravuras em suporte granítico do litoral catarinense.

A Ilha do Campeche foi tombada como sítio arqueológico e paisagístico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em julho de 2000, porém poucos investimentos federais foram disponibilizados para melhorar a infra-estrutura e para capacitação de recursos humanos, apesar dos esforços já empreendidos<sup>2</sup>. Ambas experiências, por investidores particulares e públicos, necessitam de estudos que diagnostiquem os impactos positivos e negativos destas interferências em áreas arqueológicas, servindo de exemplo para outras regiões e/ou para a correção de eventuais problemas de planejamento.

A temática das gravuras rupestres no litoral também tem sido utilizada como logomarca e elemento de identidade regional. Podemos citar os exemplos das seguintes logomarcas de instituições e empresas: Complexo Turístico Costão do Santinho, Cezarium Residence Club, Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC), Rotary Clube Ingleses, Tribal Vídeo Club, Restaurante Rupestre, Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Sociedade e Ambiente (NEISA) da Faculdade Energia, Associação dos Monitores Ambientais da Ilha do Campeche e do Sul da Ilha de Santa Catarina (AMAISC), Festival Nacional de Teatro de Florianópolis Isnard Azevedo, Itararé Ecoturismo e Esportes Radicais e Auto Escola Catarinense.

Outra atividade relacionada aos sítios de gravura rupestre é o turismo arqueológico de apelo místico. Infelizmente, este tipo de turismo tem sido promovido por algumas Prefeituras Municipais. Em Florianópolis esta atividade turística ocorreu como uma forma de vender a cidade como um produto exótico, que culminou na denominação “Ilha da Magia” em 1987 (Martins, 1995: 97-98).

---

<sup>2</sup> Na recepção turística, os visitantes da Ilha do Campeche contam com as orientações de monitores, preparados e autorizados pela 11ª Superintendência Regional do IPHAN.

Atualmente, a Prefeitura Municipal de Florianópolis estuda um projeto de um Parque Arqueo-Astronômico na Barra da Lagoa com forte apelo místico.

Nesta corrente mística, encontramos as publicações de Keller Lucas, que alia informações arqueológicas regionais com interpretações esotéricas, bem como associa o contexto local com outras culturas (megalitismo europeu, hindus, maias etc.) (1994, 1996). Este tipo de interpretação desvaloriza as gravuras rupestres como produto de uma cultura pré-histórica local e contribui para reforçar uma visão preconceituosa de que as populações autóctones não seriam capazes da realização de artefatos que exigissem habilidade técnica aprimorada.

Além da divulgação e da formação de uma educação patrimonial para o grande público, a educação patrimonial junto às comunidades é a principal atividade que deve ser promovida. Neste sentido, pouca atenção tem sido dada a promoção de programas que contemplem a fortalecer os laços de pertencimento das comunidades locais com sítios arqueológicos em geral. Acreditamos que programas de educação patrimonial permanente são importantes ações para o surgimento de novas atitudes, que refletem diretamente na preservação destas áreas.

Portanto, além de pensar as gravuras rupestres pelo olhar acadêmico, surgem novas preocupações: como planejar todas estas ações de promoção e como aliá-las as ações de proteção a este patrimônio arqueológico?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Rodrigo. Levantamento de Arte Rupestre na Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes. Florianópolis: UFSC, 1997. Trabalho de Conclusão do Curso de História.
- \_\_\_\_\_. Arte Indígena e Pré-histórica no Litoral de Santa Catarina. Florianópolis: Bristot, 2001.
- \_\_\_\_\_. Manual de Arqueologia Rupestre. Uma introdução ao estudo da arte rupestre na Ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes. Florianópolis: IOESC, 2002.
- BECK, Anamaria. Arqueologia em Santa Catarina. 5ª parte. In: História de Santa Catarina. Curitiba: Grafipar, 1970. 2º vol.
- CALDERÓN, Valentin. Estudos de Arqueologia e Etnologia. Salvador: UFBA, 1983.
- COMERLATO, Fabiana. Representações rupestres do litoral de Santa Catarina. Porto Alegre: PPGH/PUCRS, 2005. Tese de doutorado.
- CONSENS, Mario & SEDA, Paulo. Fases, estilos e tradições na arte rupestre do Brasil: a incomunicabilidade científica. Anais da V Reunião da SAB. Santa Cruz do Sul: Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas 17(20): 33-58, 1990.
- CONSENS, Mario. A Incomunicabilidade En Arte Rupestre: Segunda Parte. In: KERN, Arno Alvarez. Anais da VIII Reunião Científica da SAB. Coleção Arqueologia. Porto Alegre, EDIPUCRS, nº 1, v. 1, p. 443-468, 1996.
- DE MASI, Marco Aurélio. A Arte Pré-histórica da Ilha do Campeche. In: Revista do IPHAN. Florianópolis, 2002. Pp. 47-56.
- FOSSARI, Teresa Domitila (coord.). O Povoamento Pré-Histórico da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1988a. 2º Relatório Parcial.
- \_\_\_\_\_. O Povoamento Pré-Histórico da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1988b. 3º Relatório Parcial.

- \_\_\_\_\_. O Povoamento Pré-Histórico da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1989. 4º Relatório Parcial.
- LANGER, Johnni & FERREIRA, Sergio. Petróglifos do Médio Rio Iguaçu, Brasil. In: Rupestre/web, <http://rupestreweb.tripod.com/iguazu.html>. Visto em 01/11/2003.
- LUCAS, Keller. Arte Rupestre no Município de Florianópolis. Florianópolis: Rupestre, 1994.
- \_\_\_\_\_. Arte Rupestre em Santa Catarina. Florianópolis: Rupestre, 1996.
- MARTINS, João Batista. Marolas Antropológicas: Identidades em Mudança na Praia do Santinho. Florianópolis, UFSC, 1995. Dissertação de mestrado.
- MENGHIN, Osvaldo. Los sambaquís de la costa atlántica del Brasil Meridional. Amerindia, Montevideo, n. 1 (1961): 53-81, 1962.
- PADBERG-DRENKPOL, J. A. Mysteriosas galerias subterranas em Santa Catharina. Rio de Janeiro: Separata do Boletim do Museu Nacional, 1933. Vol. IX, n. 1.
- PIAZZA, Walter Fernando. As Grutas de São Joaquim e Urubici. Florianópolis: UFSC, 1966.
- \_\_\_\_\_. As Fontes Primárias da História: Fontes Arqueológicas Catarinenses. Separata do III Simpósio dos Professores Universitários de História (Franca). São Paulo, 1967.
- \_\_\_\_\_. A Área Arqueológica dos “Campos de Lages”. Separata do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Publicações Avulsas, 13, 1969.
- PISANI, Osmar. Um universo plástico coerente. Florianópolis: UDESC, 1988. Monografia da Especialização em Arte-Educação.
- PROUS, André. Arqueologia Brasileira. Brasília: UnB, 1992.
- \_\_\_\_\_. L’art rupestre du Brésil. In: PréHistoire Ariégeoise. Bulletin de la Société Préhistorique de l’Ariège, Ariège. Tomo 49, 1994. Pp. 77-144.
- PROUS, A. & PIAZZA, W. Documents pour la préhistoire du Brésil Meridional. Chiers d’Amerique du Sud. n. 4, Paris, 1977. Pp. 1-178.
- RIBEIRO, Mentz P. A arte rupestre no sul do Brasil. Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas. Santa Cruz do Sul, RS, 1978, 7: 1-27.
- ROHR, João Alfredo. Contribuição para a Etnologia Indígena do Estado de Santa Catarina. In: Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1950a. vol. II. Pp. 335-450.
- \_\_\_\_\_. Contribuição para a Etnologia Indígena do Estado de Santa Catarina. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1950b.
- \_\_\_\_\_. Paleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina. Pesquisas. n.3. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1959. Pp 199-266.
- \_\_\_\_\_. Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes. Pesquisas, Série Antropologia, n. 19. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1969.
- \_\_\_\_\_. Os sítios arqueológicos no Planalto Catarinense, Brasil. Pesquisas. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas. n. 24. 1971a.
- \_\_\_\_\_. Desvendando o Mistério das Galerias Subterrâneas. In: Livro da Família, 1971b. Pp. 104-107.

SOARES, Fabiana Ferret. Expressões Gráficas na Ilha do Campeche, Município de Florianópolis – SC. In: *Histórica*, Porto Alegre, n. 6, 2002. Pp. 61-72.

\_\_\_\_\_. Expressões Gráficas na Ilha do Campeche – SC. Porto Alegre: PPGH/PUCRS, 2003. Dissertação de mestrado.